

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Director,

Vitorino Simões Lopes Sampaio

Propriedade da Empresa de *A Velha Guarda*

Editor,

Aleindo Dias Pereira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua 31 de Janeiro, 165 — Composto e impresso na Tip. do «Noticias de Fafe»: Rua Monsenhor — FAFE

Um congresso republicano

Sugeriu a «Montanha» a organização dum congresso republicano e essa ideia vai tomando vulto, apoiada pela imprensa liberal.

Crêmos também que dessa reunião das forças republicanas, ligadas por um pensamento comum de consolidação e disciplina politica, muitas vantagens podem e devem advir.

Ao lado e acima dos programas partidários, correspondentes a modalidades diversas de meios de realização, há o interesse geral e superior da República que sempre e atravez de tudo é preciso ter em vista e pelo qual tudo mais se tem de sacrificar quando a vida e o progresso do regime assim o exigirem. Pois bem; no momento histórico que atravessamos, uma necessidade sobre todas se impõe, instante e inofismável como um imperativo categorico: a perfeita união de todos os republicanos. Supomos que ela espiritualmente está realizada.

Nem por sombras queremos admitir a hipótese de ainda haver no pensamento de qualquer republicano a preocupação exclusivamente partidária. Supô-lo, era implicitamente duvidar do seu republicanismo porque era não acreditar tambem no seu amor pela Pátria. Mas essa união precisa, na verdade, de se exteriorizar por uma afirmação pratica que aos scépticos e aos adversários dê a prova absoluta de como toda a massa republicana está identificada na mesma ideia de solidariedade e de resurgimento. Nada melhor para isso, do que o projectado Congresso, que sendo uma demonstração de força, deve ser ao mesmo tempo um compromisso de lealdade, de bom-senso e de intelligencia tomado reciprocamente por todos os republicanos. Sômos de opinião até, que estes congressos gerais devem efectuar-se periodicamente para manter bem viva e continua a ideia do interesse Suprêmo do regime que as lutas partidárias, no seu entusiasmo e no seu ardôr natural por vezes obliteram. O congresso a reunir-se não deve pretender, porque isso reputamo-lo des-

necessário e até contraproducente, a dissolução dos partidos. Fortalecê-los sim, porque o fortalecimento dos partidos é o fortalecimento do regime. E fortalecê-los quer dizer, anular todas as desagregações, levando os grupos anódinos a reintegrarem-se nas grandes organizações estruturais do regime. Nada de pulverizações enfraquecedoras e desprestigiosas. A Inglaterra, onde o sistema parlamentar funciona há séculos com admirável perfeição e sem sobresaltos, teve, durante muitos anos como uma tradição quasi sagrada, os seus dois grandes partidos constitucionais—o partido liberal e o partido conservador.—Recentemente criou-se o partido trabalhista.

Mas tão adversa é a opinião publica ao fraccionamento e tão arreigada nas suas suas tradições politicas que há já quem preveja a fusão dos trabalhistas com os liberais.

Três grandes partidos são suficientes para englobar um amplo programa de aspirações.

O que se torna necessário é que cada um deles represente uma forte corrente de opinião e não uma pequena força obstrucionista e perturbadora.

Um parlamento demasiadamente heterogéneo e fraccionado, é um parlamento improficuo, precário, indisciplinado e perigoso.

Por outro lado, os partidos precisam de revêr os seus programas e as suas orgânicas, adaptando-os ás novas circunstancias e á nova mentalidade que, tanto uma e outras, se tem modificado depois da guerra.

Toda a vida nacional, de resto, precisa de modernizar-se, de europeizar-se.

A cada cidadão, esse encargo pertence, e por conseguinte todos nós temos de auto-educar-nos criando no espirito uma grande disciplina interior que tenha como base a reflexão, a cultura e a perfeita consciencia do devêr.

Só assim venceremos. Porque doutro modo...

José RODRIGUES.

Da «Ideia Livre».

Coito de critérios não avessos

Por L. COELHO

I

(Continuação)

Com o raiar da História Contemporânea, após a Guerra Peninsular, o desenrolar duma época agitada, e por vêzes trágica, ofuscou todas as reivindicações populares para cederm o passo ao despotismo.

Os anseios de liberdade foram coarctados pelo reaccionarismo e pela intolerância dos governantes.

As vontades dominadoras não transigiam, antes apavoravam, com os ânimos de todos aquêles que desejassem transudar na ominosa época de violências, de ultrages e de ódios em um monumento de riquíssima arquitectura (que se sobrepuzesse ao montão de ruínas provocado pelas invasões francêsas) e que fosse o trono augusto sobre que assentassem as bases dos mais salutareos princípios de direitos e obrigações.

Tristíssimo sudário foi esse que nos humilhou e dobrou a cerviz orgulhosa, reduzindo-nos á baixa condição de escravos ou de vis perres!

—As conquistas sociais, embora as sonhemos como belas ficções, inscrevem-se nas leis naturais da vida e dão a nitida compreensão dum forte «querer».

Se de comêço podem sêr consideradas parolagens, não receie contestação quem responder que essas ideias caprichosas são fenômenos que têm as suas causas e efeitos na evolução do universo.

—A maioria das consciências humanas, mas a grande maioria, clama pela perfeição da sociedade.

De há muito que vem escalando ao pico dessa sublimidade faulausteriana, e nada há que a tolha em sua marcha e a faça retroceder, sequer. Caminha sempre, sempre, e não se amedronta com as ravinas ou despenhadeiros que em sua frente surjam...

Tem a homogeneidade de pensar que lhe diz: chegarás ao cimo!

N. R.—No último número saíram algumas gralhas e falharam algumas palavras. A linha 49 deve lêr-se: «merecem-nos compaixão, pois»; e ás 56 acrescentar: «quando escreve»...

O Imperador Teodósio, o Grande, escrevendo ao prefeito Rufino deu-lhe as seguintes instruções:

«Se alguém censurar a nossa pessoa, ou disser mal do nosso govêrno, não queremos que seja castigado: Se falou por ligeireza, desprezai-o; se por loucura, lastimai-o; se por injúria, perdoai-lhe».

FALANDO CLARO

A NOSSA ATITUDE perante a questão dos Claustros da Oliveira

De todos os lados nos dispararam perguntas acerca da atitude por nós assumida perante a questão dos Claustros da Oliveira—instalação do Museu Alberto Sampaio.

Lavra grande ansiedade por se saber qual é o parecer de «A Velha Guarda» e há já quem nos julgue incapazes duma atitude nobre que satisfaça a opinião da grande maioria dos vimezanenses.

Vamos, pois, falar claro e imparcialmente:

A instalação do Museu Alberto Sampaio é uma velha aspiração que encontrou bom acolhimento no seio daqueles que, como nós, sentem apêgo á terra que os viu nascer e que desejam um local condigno para o património artistico que nos legaram os antepassados. Revolta-nos o embargo feito e, demais, partindo como se sabe de quem..., embargo que é atrevido, petulante e afrontoso.

No entanto, precisamos de confessar que a maneira como vem sendo feita essa instalação é tudo quanto há de mais lesa-arte, autêntico crime que o próprio director dos monumentos nacionais do Norte, sr. architecto Baltazar de Castro, confirma a quem o escutar ou a quem com ele fala. Os Claustros da Oliveira, cujo restauro tem sido feito sobre quebras de direitos e sob uma orientação perdamente incompetente, não vão além duma galilé conventual onde só se poderá apreciar o cheiro fresco das coisas lavadas. Doi-nos vê-lo a levar um rumo mui diferente daquele que deveria apresentar, e, ainda mais, doi-nos saber que há bajuladores que só noticiam o que o pseudo-director lhes dita, muito embora reconheçam a tristissima figura que fazem de meter o nariz onde nunca foram chamados, os bons dos criticos d'arte!

Tem sido duma audácia espantosa a direcção do restauro. Não há, mesmo quem seja ligeiramente culto, quem aprecie com serenidade as lombas deitadas nos claustros e, daquêles a quem a arte seduz, que não se indignem com os seus botões e com a parlapateo do pseudo-director

O restauro tal qual vem sendo feito é uma afronta aos artistas que, esquecidos, talvez, seriam os únicos a tocarem naquelas pedras veneráveis, a colocá-las ou a substituí-las. Eles, e mais ninguém—ouça-o a cidade inteira. Abel Cardoso e José de Pina, eis os dois nomes indicados para aquela ressuscitação de antiguidade, para tratarem de levar por diante o que um audacioso e incompetente anda para ali a estragar. Quem nos garante que o demolidor da cornija, o esgaravator de túmulos, o «afonso domingues» dos capiteis nos legue uma obra conscienciosa e que o não lance na cadeia até? Quem nos garante que tenhamos de dar palmatoadas nos bajuladores que obedecem cega e inconscientemente? Estamos convencidos que a cidade, que tem ido nas pachuchadas do sapiente «empreiteiro», ainda nos há-de agradecer esta guerra santa que nos coloca ao lado dos verdadeiros artistas. E pelo direito que teremos a esta critica, serena e justa, convencemo-nos de que o fazemos com fundadas razões e consciencia.

«Pro Vimarano»

um jornal que honra a terra

Como já havíamos anunciado foi ontem pôsto á venda este belo jornal que se publica sob a intelligente orientação do nosso querido amigo, snr. dr. José Pinto Rodrigues.

A maneira como se apresentou, o variado dos problemas que insere nas suas colunas, é de sobremaneira honrosa para os vimaranenses e orgulhamo-nos de podê-lo contar entre o número dos colegas honestos e leais.

Orgão da Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães, este tri-mensal deve sêr a cartilha de todos os bons vimaranenses. dado o interesse levantado como pugna pelos direitos de Guimarães, como se ergue desse atoleiro em que a terra há tempos vegeta—farol e guia de todas as nossas aspirações.

Saudando-o, endereçamos-lhe os nossos mais efusivos cumprimentos e desejamos-lhe uma longa vida.

Por Guimarães!

Lêde e propagai «A Velha Guarda»

A Estação Postal de Moreira de Cónegos (Vinhas)

Mais um... que na roda entrou

—: Abílio Pinto de Barros —:

Tenho pena de que já não seja vivo o nosso grande *Bordalo*, para tomar como modelo, nas faianças das Caldas, este específico e risível *lapónio* que, —já com tãncos e tudo,—foi encontrado num dos mais densos matagais do concelho de Paços de Ferreira.

Quem o não conhecer, vá vê-lo á Estação de Lordélo e terá ocasião de aplaudir a minha idéa, sentindo o mais impetuoso desejo de adquiri-lo por qualquer preço, a fim de poder executar o gesto de oferecê-lo ao melhor jardim zoológico do mundo, que ele irá completar e enriquecer, como joia rara e única entre a mais preciosa fauna *macacal*!

As mãos, o tacanho cumprimento de perna, a estúpida configuração do crânio, e toda aquela *fari-nheira* ignóbil e absolutamente semilar do focinho do mais requintado e exquisito *môno*, dão-lhe um lugar de destaque na degradante escala zoológica e *simiesca* em que toda a gente o vê!

Mas... Tudo é bom haver no mundo, e ele já por várias vezes, na sua hilarante *burrice*, tem afirmado confortadamente—que não tem culpa de ter nascido *assim*...

Eu não sou, um absoluto, da mesma opinião, porque exigiria d'ele,—já que o é de corpo,—não fosse também chimpanzé *d'espi-rito*...

Embóra a sua pouca avantajada existência física seja o resultante dum bem reduzido número de maléculas corpóreas, devia no entanto o seu espírito afastar-se duma paralela pequenez que faz lembrar o animico instinto do microscópico *saguê* africano?

A alma daquêle, cujo perfil estamos esboçando, deveria elevar-se a outros páramos, para que não rastejasse nas trevas da ignorância e não cometesse nunca os brutissimos erros sómente próprios dos mais broncos *macacões*!

Que... ás vezes têm graças as calinadas do nosso Abílio! Ora vejamos esta que até obriga as próprias pedras a rirem-se d'ele:

—Estando um dia com certos amigos, e querendo explicar-lhes as obras que trazia em sua casa, rematou ele a conversa dizendo-lhes que tinha perdido o *escroc* das ditas obras.

A sua curta inteligência e nenhuma cultura obrigaram-no a apelar de *escroc* o desenho da obra, porque não atinou com o verdadeiro nome de *croquis*!

As im defenido, que melhores tintas quer o leitor para complemento do seu fiel retrato?!

Parece que se não exige mais, e, no entanto, a fotografia está ainda incompleta, motivo porque eu rogo ao leitor se interesse nesta leitura com mais curiosidade ainda porque o assunto é *picarêso*...

Lemos algures, em ar de conselho ao sexo feminino, que não devem nunca as mulheres deterem-se em frente das janelas dos *macacos*, porque estes, na sua animalidade deshonestas, se exibem diante delas, praticando indecências...

Pois o nosso herói é, similarmemente, um instintivo *macaco*!!

Toda a gente o sabe em Moreira e arredores, e até a autoridade Administrativa d'este concelho teve entre mãos uma queixa de que ele—o nosso herói—tinha a mania de mostrar ás meninas, freqüentemente, *aquilo que Deus lhe deu*!!!

Teve o rojo infando de exhibir-se diante duma boa meia dúzia delas, entre as quais uma filha do depositário da Estação Postal de Vinhas!!

Numa região onde a *macacaria* não infesta, deviam estar enjaula-

dos estes *macacões exóticos* para que não sejam encontrados pelas crianças que seguem despreocupadamente o seu caminho...

Já o meritíssimo administrador do concelho de então, sr. Dr. Mota Prego, chegou a propor a sua exoneração de presidente da junta, exoneração que se verificou, sendo mais tarde reconduzido pela forte mulêta do *padre Armindo*, que melhor escolha deveria ter feito entre os numerosos proprietários *honestos* da paróquia.

Naturalmente *padre Armindo*, com a simples panacea do *Ego te absolvo*, julgou torná-lo puro ao confessá-lo—e pondo-lhe a mão dizendo-lhe—*vade in pace*...

Não! O nosso Abílio não mais se lava moralmente das porcarias em que chafurda.

Já a rapaziada duma freguesia limítrofe daquela onde ele nasceu, o arrelhiava assim:

Os da sua freguesia São poucos, mas são valentes! E o Abílio traz, como os porcos, A pia pegada aos dentes!!

Com a porca sensenalidade dos *suínos*, este *tonante* fez aquelas exhibições diante de meninas, e o sr. Ferreira, encarregado da Estação Postal de Vinhas, queixou-se d'ele, porque, conforme já dissemos, uma das suas pequenas foi também ofendida numa dessas exhibições...

Daí proveio o *herói* ter sido, como acima afirmo, demitido da Junta, e, conseguintemente, nunca mais o *tonante* desistiu da vingança contra o sr. Ferreira, esforçando-se por conseguir, de sociedade com mais dois *melros*, exonerá-lo de encarregado da E. Postal de Vinhas.

Pois nem com o auxílio do *professorinho* Soares, nem com todas as manhas do Jesuíta *Magalhães*, ele conseguirá o seu malevolto e injusto intento!

Este *Magalhães* nem pelo bom génio do *Araújo*, que lhe deu a mão, pôde ser suportado; e lá ficou só, a *mamar* uma gerencia há tantos anos, sem que se tenha notabilizado numa Administração genial, que desse, aos infelizes *cotistas*, um dividendo proporcional ao que ele mensalmente ali vai devorando...

Há gerentes, até, a quem a estulta imprensa vai *interviewar*, notabilizando-os após qualquer *sinistro*, que *esses gerentes nunca puderam prever* em vêlhos e causadíssimos motores trabalhando á *sobre carga*, e que, constantemente, explodiam e resfolegavam *óleo a arder para o teto*...

Há creaturas que estão mesmo a pedir a vergasta dum *Homem Cristo*; mas poderei com todos os Soares, Barros e Magalhães, a quem conheço a *crónica* e de quem adivinho e previno os infelizes intentos!

Por hoje fica este *Magalhães* em paz, até hora mais propícia e oportuna...

E, reatando: Se o Sr. Ferreira se queixou superiormente contra as exposições do Barros,—á semelhança do que já havia feito contra as *crueldades* do professor,—perpetrou uma boa acção e foi para o mesmo Barros como que um médico a diagnosticar-lhe uma doença e a dar-lhe os mais sãos remédios para a respectiva cura, que, infelizmente e conforme relata a medicina de todos os tempos, é quasi impossível.

Com homenagem e respeito para os distintos clínicos que me lerem, um *exibicionista* como o tem sido o Barros, é um *perverso* ti-

pico, ao mesmo tempo que é um psicopato confirmado.

A sua perturbação *genérica* é muito rara e o seu tratamento ainda até hoje não foi tentado.

Ou por outra: tentou-o o depositário da caixa do correio pelos meios da *atrição*, já que áquela anormalidade *psíquica* do Barros—que corre parelhas com a bestialidade dos *macacos* quando visitados por mulheres—só pelos receios do severo castigo poderia aliviar-se.

O Sr. Dr. Mota Prego, então Administrador do Concelho, limitou-se a moralizar a junta, propondo a demissão do Barros, havendo por bem sustar-lhe o procedimento criminal como *indecoroso exhibicionista*; e, a meu ver, fez bem, porque, conforme *Thoinot* e outros autores, não há exhibicionista que não seja *doen'e* (imbecil, cretino, idiota, anormal ou como queiram chamar-lhe...), nem há homem normal que se entregue a práticas exhibicionistas, não se ocupando os livros científicos da responsabilidade criminal destes psicopatas asquerosos!

Foi altamente elevado o procedimento do Sr. Dr. Mota Prego em alijar de presidente da junta o conspurcado Barros, e a sua recondução áquêle lugar foi um mau acto que nunca devia ter-se levado a efeito, visto que toda uma junta de freguesia, com um presidente daquele jaez, deve enjaular-se com ele em sitio onde nunca apareça a sombra do feminino sexo. Aliás o Barros, com as inclinações dos seus inveterados maus-costumes, continuará a fazer das suas, dando mais exemplos que poderão ser contagiosos.

E... * * *

É um tipo destes, sem pudor, sem pundonor e sem brios, que o *correspondente* de Vizela vai *interviewar*, redigindo destrambelhadamente as suas desaconchavadas e exautoradas malevolências contra o honesto *encarregado postal de Vinhas*!

Não! Eu não deixo passar a torpêza execrável destes *macacos* que, por abuso e desfaçatez, encobrem o péio com roupa de gente e até se penduram do volante de qualquer automóvel com a facilidade com que os seus irmãos africanos se alcandoram nos coqueiros de *Bafatá*!

Como é certo o ditado francês de *qui se ressemble s'assemble*, eu venho relegar, para as selvas onde a fauna *simiesca* campeia, este exemplar interessantíssimo, visto que Moreira de Cónegos não é montureira onde possam recrutar-se e abeberar-se estes animalijos que, além de providos de duvidosas e relaxadas manhas, são também dotados de instintos ferinos não deixando, portanto, em paz certas pessoas honestas que tem a triste infelicidade de viverem perto de si!!

Bisturi.
(Continúa.)

...Demasiado sabem *monarquias* e *impérios* que,—no dia em que a consciencia dos povos, iluminada pelo facho lampejante da instrução, compreender bem os seus direitos e souber alár os seus anseios para a verdadeira altura da *Liberdade* e da *Dignidade* específicas,—nesse dia, ai das testas coroadas que terão contados os ultimos momentos do seu odioso reinado sobre os homens.

Já, em palavras mais suaves e sibilinas, o disse a segunda *Catarina* da Russia. E outras testas coroadas o tem dito, nas suas raras e fugitivas horas de sinceridade.

FERNÃO BOTTO-MACHADO
Este número foi visado pela Comissão de Censura

Ambições clericais

A imprensa clerical, com insistencia, vem incitando o Estado a confiar-se aos braços da reacção: Só amparado nêles encontrará base para a justiça e esteio seguro á disciplina.

Sempre o poderio das nações—acrescenta—se alicerçou na aliança da autoridade civil com a autoridade religiosa; e, quando o conflito deflagrou, entre elas as existencias nacionais depereceram ou minguaram.

Os factos e a história, incluindo a nossa, afirmam o contrário, começando por assegurar-nos que, invariavelmente, a aliança com o clericalismo se transformou na supremacia do mesmo clericalismo.

Vejamos, em poucas linhas: Cria-se a nacionalidade portuguesa. Há crentes, mas o clero é forçado a limitar-se á acção espiritual. Se exorbita, os próprios, reis o remetem á função própria, castigando-os com dureza.

O país firma-se, consolida-se, atinge a dinastia de Aviz, faz a descoberta e a conquista.

Mas a reacção domina agora, a Companhia de Jesus e a inquisição instalam-se sobre o corpo do país e sucedem-se então as catástrofes e os crimes. E' a matança dos cristãos-novos, a derrota de Alcácer-Kibir, e, finalmente, a perda da independência.

De seguida, por toda essa torva dinastia brigantina além, prossegue a queda, a humilhação colectiva, a imoralidade, o sensualismo desbragado, a depravação. O frade, o clérigo, o convento e as sacristias exercem o verdadeiro império. A ele e aos nobres tudo pertence: as arcas do tesouro, o exercicio da autoridade, a posse das terras. E resvala-se em abismo de ignomínia. O Marquês de Pombal marca uma pausa na derrocada.

Pausa curta. Logo o clericalismo reaparece: novamente se instala. E vem vergonhas, violencias, torpezas. O rei deserta miseravelmente, fugindo para o Brasil. Invasão francesa. E, a acarinhar o extranho, o alto clero do país.

Um rosário de baixezas, prolongando-se até nossos dias, com escasas intermitencias de revigoração nacional, correspondendo precisamente a épocas em que, embora persistindo a crença religiosa do povo, o clero deixou de ser senhor, arbitro das temporalidades.

E' para a reedição deste miserando sudário que ardidamente se requer, hoje, no segundo quartel do século vinte, a restauração do reino teocrático?

Trata-se dum absurdo, mas com o sintoma muito esclarecedor.

Existem hoje a opôr-se a semelhantes regimes fôssos larguissimos cavados por uma humanidade que progrediu e, sendo cada vez mais tolerante com todas as crenças, cada vez mais tambem repele os assaltos de quem cure em transformar as mesmas crenças em instrumento de dominio material—em instrumento politico.

Entre nós o reaccionario confunde paragem com recuo. Ilude-se. Muita vez quem pára, é para avançar com redobrado impeto.

De «O Rebate».

A missão mais ro're da imprensa é a de defender o oprimido. Este é o primeiro dos seus deveres.

Impresso de onde não se irradie luz e verdade, livro que não moralize e instrua, jornal que não esclareça e doutrine—para que servem?

Rasguem-nos e queimem-nos, BRITO ARANHA

Anechoa

Encontraram-se dois frades franciscanos, duas freiras e um padre protestante, indo em transito.

Os dois franciscanos com as freiras concertaram-se para se divertirem á custa do protestante. Preveniram o estalejadeiro que lhes preparasse unicamente quatro perdizes. Postas estas na mêza, pediram ao protestante que fizesse a repartição, esperando que ele não deixaria de servir uma a cada freira, outra a cada um dos franciscanos, ficando ele sem quinhão.

E na esperança de rirem muito á custa do padre, faziam já alguns trejeitos que não passaram desapercibidos ao bom do protestante.

Escusou-se este o mais que pôde, mas por fim teve de cedêr, visivelmente contrariado. Contou as perdizes, voltou o prato, contou as pessoas e viu-se embaraçado. Nos lábios das freiras já brincava um sorriso, que incomodava o protestante.

Tomou finalmente uma resolução: pediu um prato, poz nêle uma perdiz, e colocando-a entre um dos franciscanos e uma freira, disse:

—O Sr. frade, esta perdiz e a senhora freira, são três.

Pondo em seguida outro prato com uma perdiz entre o outro frade e a freira, disse:

—O Sr. frade, esta perdiz e a senhora freira, são três.

—Senhores, acrescentou ele (tomando as duas perdizes que restavam e pondo-as no seu prato) duas perdizes e eu sômos três. Ficamos servidos três a três.

Os homens fortes

Estas palavras de Miguel Unamuno tem sempre oportunidade:

«Anda por aí uma filosofia que dizem ser a dos homens fortes, e que é apenas a dos debeis, que sonham com uma fortaleza de que carecem. A força gera sentimentos de solidariedade e de justiça, desejo de sacrificio pelo próximo.

«Os homens verdadeiramente fortes são os que sabem coordenar os seus esforços com os dos outros, são os que sabem que não ha quem possa ser de todo livre enquanto houver um semelhante que seja escravo. A liberdade é um bem comum, e quando não participam dela todos, não serão livres embora assim se julguem.

«Os fortes, verdadeiramente fortes e dignos deste nome, são os que tem consciencia de que só é verdadeiro homem o que aspira a ampliar, acrescentar e corroborar a liberdade comum».

Exposição de Chapéus

Maria Emilia da Fonseca com «atelier» de vestidos e chapéus na Rua da República, n.º 91, realisando nos dias 4 e 5 do próximo mês de Maio a exposição para a época de verão, convida V. Ex.ª a fazer-lhe uma visita.

Além do variado sortido em MODÉLOS PARISIENSES, para Senhora e creança, exporá uma numerosa colecção de chapéus de fino gosto que venderá a 45\$00.

PIANO

PRECISA-SE a lugar um que seja bom, por 5 menses para casa de familia.

Quem tiver queira dirigir-se a Boaventura da Costa Caldas—VIZELA.